

HISTÓRIA CRÍTICA DA FÁBULA NA LITERATURA PORTUGUESA

A Fábula na Literatura Portuguesa: Catálogo e História Crítica

Projeto avaliado e financiado pela FCT – PTDC/CLE-LLI/100274/2008

CAPÍTULO 12

AS DUAS FACES DO LOBO – PERSPETIVAS DO CONTO «SÃO LOBO», DE
MARIA ONDINA BRAGA

GUSTAVO DUARTE

CAPÍTULO 12

AS DUAS FACES DO LOBO

PERSPETIVAS DO CONTO «SÃO LOBO», DE MARIA ONDINA BRAGA

O estudo de qualquer tema requer uma envolvimento com complexidades, o que pode, não raras vezes, dificultar a chegada à síntese. Para Donald Kuspit, é o símbolo que tem o poder de garantir essa meta: *Sendo impossível exprimir o Absoluto, só o Símbolo o pode conter. A linguagem simbólica atravessa os vários registos da consciência para encontrar um eco mais profundo na memória inconsciente. Pela sua capacidade invocadora, acorda no inconsciente um saber perdido. Traz o inconsciente ao consciente* (Monsaraz, 2004: 80 *apud* Kuspit)¹. A tradição astrológica², enquanto linguagem que privilegia o símbolo, identifica no planeta Saturno uma dupla face: ele encaminha-nos a um arquétipo de medo, morte e limitação, no seu lado sombrio; mas também se potencia como mestre, que, por ter atravessado os caminhos da dor e do pavor, neles encontra uma finalidade transcendente: ele é, então, nesta sua face mais luminosa, guardião do saber de experiência feito; é o mestre. Como refere Liz Greene, *Saturno não é simplesmente um símbolo de dor, de restrição e de disciplina, mas também um símbolo do processo psíquico, comum a todos os seres humanos, por meio do qual um indivíduo poderá utilizar as suas experiências de dor, de restrição e de disciplina como um meio de ampliar a sua consciência e o seu desempenho* (Greene, 1997: 10).

¹ A obra não aparece referenciada de forma completa no livro de Monsaraz.

² Recorro à simbologia astrológica por gosto e conhecimento pessoal, por me parecer uma comparação oportuna mas também pela afinidade que Maria Ondina Braga teve com o Taoísmo, filosofia oriental de explicação da origem e evolução do mundo, tão implicada no estudo dos fundamentos da Astrologia. É também importante notar que a autora chega a justificar características da sua personalidade com o facto de ter o Sol em Capricórnio: *Sou de Capricórnio, tudo vai muito lento para mim* (Scarano, 1984: 12).

À semelhança do Saturno, também o lobo, através das muitas histórias que tem protagonizado para a humanidade (quer como personagem de ficção, quer como animal real), possibilita uma dupla face. Ana Paiva Morais afirma que *o lobo é, de uma forma geral, senhor de má fama* (Morais, 2003: 19) mas que ganhou uma conotação positiva na Antiguidade, para logo e perder durante a Idade Média. Para Luciano Pereira, *As atitudes dos homens perante o lobo nunca deixaram de ser contraditórias, ora temido, ora admirado, ora detestado, ora reverenciado* (Pereira, 2007: 283). No caso das fábulas, é provável que existam em maior número os exemplos de histórias em que o lobo explora o seu lado sombrio. No entanto, ninguém se esquece da sua mestria na fábula «O lobo e o cão», em que o lobo prefere valorizar a liberdade em detrimento do alimento fácil. Apesar deste exemplo, e como veremos adiante, o lado luminoso do lobo não tem de compor-se apenas de atitudes nobres; é o próprio lado sombrio que se pode transmutar em luz quando nele encontrarmos um propósito transformador, através do exemplo de aprendizagem que proporciona. Assim já tinha pensado Ana Paiva Morais: *Curioso é o facto de a sua fama de instigador do medo oscilar entre a utilidade pedagógica, que faz dele um dos grandes auxiliares dos educadores, e a de figura do medo destruidor, sendo considerado, neste caso, como animal a abater* (Morais, 2003: 18-19).

Na coletânea *A Rosa-de-Jericó*, Maria Ondina Braga (1922³-2003) alude, através do conto «São lobo», a seis fábulas em que esta figura é protagonista. Logo a abrir, o título da narrativa ilustra as honras que, ao lobo, Maria Ondina atribui. Menos temido do que outras figuras da infância [*sempre tivemos mais medo ao homem-do-saco* (Braga, 1992: 133)], porque apenas acessível pelo que se ouvia contar, o lobo materializava-se através do fascínio das histórias, quer reais, quer de fantasia. Foi mais

³ A tendência da doutrina tem sido considerar 1932 como o ano de nascimento da autora. Da bibliografia que pude consultar (incluindo as referências na Biblioteca Nacional de Portugal e no espaço Maria Ondina Braga do Museu Nogueira da Silva), apenas o blogue *mariaondinabraga.blogspot.pt*, de José António Barreiros, aceso a 30/07/2013, refere 1922 como sendo o ano correto do nascimento de Maria Ondina, alegando informações prestadas por um sobrinho da autora. A verdade é que a certidão de Maria Ondina Soares Fernandes Braga afirma que nasceu a 13 de janeiro de 1922, na freguesia de São Lázaro, cidade de Braga. É de estranhar que nunca a autora tenha reposto a verdade (e terá certamente lido parte da crítica à sua obra ou, pelo menos, o paratexto da edição de 1982, pela Relógio d'Água, d'*A casa suspensa*, onde surge explícita referência ao ano de 1932 – aliás, a equipa que organizou o seu espólio, doado ao Museu Nogueira da Silva, refere que a autora deixou inúmera documentação crítica da sua obra muito bem catalogada). Seria que preferia ser vista como tendo menos dez anos? Esta presunção não parece verosímil se tivermos em conta a personalidade que demonstrava nas entrevistas que deu e onde sempre afirmou o seu espírito noturno, chegando mesmo a afirmar estar cansada da vida. Seja como for, e tanto quanto é possível apurar no Instituto dos Registos e Notariado, Maria Ondina nasceu, na verdade, em 1922, tendo morrido em 2003 com 81 anos.

tarde que o narrador conheceu o lado mais luminoso da figura, personificado na loba do Capitólio, no entendimento dos santos com os lobos, nos brasões que comprovavam a nobreza da palavra «lobo»: *Foi contudo quando cresci e passei da primeira escola para a segunda escola que me foi dado a conhecer do lobo alguns aspectos preciosos (...); E desde aí, confesso, fiquei com um fraco pelo lobo. Mau? Chamavam-lhe mau? (Idem, ibidem: 134).*

A escrita de Maria Ondina Braga denuncia uma convergência entre a ficção e a sua experiência pessoal: (...) *a capacidade efabuladora, que é notável, (...) muito moldada sobre um real experimentado ou indirectamente conhecido (Salema, 1982: 79); (...) constrói (...) sobretudo uma auto-representação, já que os seus livros frequentemente se aproximam da autobiografia romanceada (Morão, 1995: 745).* Apesar desta característica, não deixa de existir uma fronteira formal entre a sua obra autobiográfica e a sua obra ficcionada (quer pela classificação editorial, quer pela forte presença da voz da autora real nos textos autobiográficos). Em «São Lobo», essa fronteira surge como um pouco mais difícil de traçar. Em parte, porque a expectativa criada no leitor através das restantes dezanove narrativas da coletânea, é a de encontrar ficção; por outro lado, Maria Ondina Braga *curvou a Alliance Française em Paris e a Royal Society of Arts em Londres e exerceu o magistério em Macau e na China (Oliveira, 2003: 56).* Ora, o pendor didático deste conto, em que o narrador manifesta preocupação com o facto de, cada vez menos, as crianças contactarem com as fábulas em que o lobo está presente [*que será dos nossos meninos, no futuro, sem as antigas e cândidas histórias de lobos? (Braga, 1992: 135)*], preocupando-se também com o progressivo desaparecimento, em Portugal, deste animal [*ao ouvir que a sua raça se vai extinguindo no nosso país (Idem, ibidem: 134)*]⁴, o pendor didático deste conto acaba por denunciar a vocação de Maria Ondina, professora durante largos anos. Ainda assim, e apesar de o texto conjugar vários verbos na primeira pessoa (*tivemos, tínhamo-los, cresci, passei, converti-me*) (Braga, 1992: 133-134), apresentando um narrador indubitavelmente participante, bem como interventivo [*Mau? Chamavam-lhe mau?; Que será dos nossos meninos, no futuro, sem as antigas e cândidas histórias de lobos? (Braga, 1992: 134-135)*], é depois Teresa que vivencia as histórias que dão o mote para falar do lobo. Neste conto, há uma voz que ultrapassa a função de mero narrador,

⁴ Neste conto, está presente uma dialética entre o lobo-ficção e o lobo-realidade, ambos úteis à construção da imagem que povoa a infância de *sonho e susto (Idem, ibidem: 135).*

aproximando-se da complexa figura do autor textual. Há que ressaltar que o autor textual não deixa de ser ficcional, existindo apenas naquele contexto: o autor empírico *possui existência como ser biológico e jurídico-social*, enquanto o autor textual *só é cognoscível e caracterizável pelos leitores desse mesmo texto* (Aguiar e Silva, 2009: 227). Oscilando entre realidade e ficção⁵, de resto como qualquer outro texto⁶, «São Lobo» não contém uma marca indelével de autobiografia, como acontece noutras narrativas de Maria Ondina, mas é bem possível que o narrador deste conto (que através das emoções da sua infância, acompanhadas pelas histórias de Teresa, acolheu o lobo na sua dupla face) esteja bem mais próximo do autor empírico do que se poderia pensar: uma pedagoga preocupada em transmitir o seu testemunho, na senda da construção de um presente e de um futuro.

Nesta narrativa, o lobo não deixa de proporcionar vivências e emoções terríveis e de susto. Ao mesmo tempo fazem sentido, para o narrador, os relatos de aspetos mais luminosos das histórias contadas sobre este animal. A dupla face do lobo, quer enquanto personagem, quer enquanto animal real, ganha importância a partir da sua capacidade pedagógica; seja pelo exemplo do que não se deve fazer, seja pelo simples facto de, através das emoções, ter estimulado nas crianças o desenvolvimento da personalidade e da capacidade de sonhar. Como avança Bruno Bettelheim, *While the fantasy is “unreal”, the good feelings it gives us about ourselves and our future “are real”, and these real good feelings are what we need to sustain us. (...) No reasonable parent can promise his child that perfect bliss is available to him in reality. But by telling his child fairy tales⁷, the parent can encourage him to borrow for his private use fantastic hopes for the future, without misleading him by suggesting that there is reality to such imaginings* (Bettelheim, 1991: 126). É possível que os adultos e as crianças (e, conseqüentemente, os adultos futuros e os seus filhos) cresçam através das histórias do lobo, quer através de algumas mostras de mestria, quer a partir das suas façanhas mais sombrias, e que isso os inspire a construir um mundo melhor. Para ser luminoso e ter um propósito transformador, o lobo não deixa de expressar o seu lado sombra; pelo

⁵ É interessante notar que esta dialética é também expressa pela oscilação entre os exemplos do lobo-ficção e do lobo-realidade (*vide* nota 12).

⁶ A «ficcionalidade» não cancela a *dinâmica da referência* [ao mundo real] (...) (Reis, 1997: 563).

⁷ É verdade que o autor estabelece uma distinção entre «fairy tales» e fábulas baseada na moral explícita destas últimas, moral essa que não deixaria espaço para imaginação ulterior (*vide* Bettelheim, 1991: 42-43); no entanto, a dimensão de sonho parece-me aplicável também às fábulas, sobretudo se pensarmos na elasticidade deste género e se concordarmos com a possibilidade de encontrar, mesmo em morais bem definidas, várias interpretações.

contrário, é essa expressão que dá sentido às histórias e as torna úteis, funcionando, assim, ao mesmo tempo, como uma face luminosa. *Se um homem decide que deseja começar a Busca, o melhor que tem a fazer é começar por aquele aspeto da sua psique que é simbolizado por Saturno: a sua sombra. Na doutrina esotérica, Saturno é o planeta do disciplinado, e um discípulo é simplesmente alguém que está aprendendo* (Greene, 1997:198). E ainda que o projeto *A Fábula na Literatura Portuguesa: Catálogo e História Crítica* não contemple a literatura infanto-juvenil, são também as leituras feitas pelos adultos que neles moldam a sua personalidade enquanto educadores.

As preocupações pedagógicas que tiveram a fábula como instrumento não são de agora. Afirma Luciano Pereira que *As intenções educativas e moralizadoras e a sua especial apetência para exercer a crítica de forma indirecta garantiram à fábula um espaço muito confortável durante os séculos XVIII e XIX* (Pereira, 2007: 178). Vivia-se, sobretudo no século XIX, um certo modismo que reinava então na Europa e que levava alguns “eruditos” e “pedagogos” a organizar selectas para os mais diversos públicos e em particular para os mais vulneráveis e os que precisavam de bons exemplos e conselhos (...) (Idem, ibidem: 181). Em *Fabulista da mocidade*, Tristão da Cunha Portugal, sublinha a origem popular e pedagógica da fábula, evocando as suas características formativas (...) (Idem, ibidem: 181). Henrique O’Neill, em *Fabulário composto e dedicado a S.A.R. o Príncipe D. Carlos*, demonstra a preocupação de educar o futuro rei com os exemplos fabulísticos. Teófilo Braga refere que *os contos tradicionais são immensamente sympathicos para as crianças, e já Platão os considerava como um excellente meio de educação* (Braga, 1914: 12). Ao preocupar-se com o fim das histórias do lobo, Maria Ondina (ou o narrador) está a preocupar-se com o fim do espelhar do homem no animal, quer através do exemplo proporcionado pelas fábulas, quer através do conhecimento do real reino animal: *Os meninos a quererem saber como é o lobo, por onde anda o lobo, e os pais a mostrarem-lhe um velho, um decrépito exemplar no Jardim Zoológico, quando não apenas uma pele coçada, a fazer de tapete* (Braga, 1992: 135).

«São Lobo» faz, então, alusão a seis fábulas em que o lobo está presente como personagem principal. Relativamente às duas primeiras, não são mencionados títulos, apenas as súmulas das histórias: *Esse que enfarinhava a pata para ir visitar os cabritos na ausência da cabrinha branca: meta a pata debaixo da porta! Pois cabrinha branca não tinha pata preta; E o que, coitado, caíra ao poço por acreditar ser um queijo o*

reflexo da Lua nas águas: estes desaires, aliás, tramados pela matreira da comadre raposa sempre pronta a enganar o compadre lobo (Idem, ibidem: 135). O primeiro passo é identificado⁸ como alusão à fábula «O lobo e o cabrito», título constante dos principais catálogos de referência do projeto: *Babrius and Phaedrus*, de Ben Edwin Perry e *Historia de la fábula greco-latina*, de Francisco Rodríguez Adrados. O segundo passo corresponde à fábula «A raposa e o lobo», embora neste texto o lobo (e não a raposa, como acontece na fábula «A raposa e o brilho da lua») confunda o reflexo da lua, num poço (e não num rio), com um queijo. Estas alusões, aglutinadoras de diversos elementos que chegam a trocar-se entre si, permitem ao leitor recriar na sua mente múltiplas fábulas protagonizadas por estes animais. Em seguida, são referidas quatro fábulas identificadas explicitamente, no conto, como sendo de La Fontaine: «O lobo com pele de cordeiro», «O lobo e o cão magro»⁹, «O lobo e o cavalo», «O lobo e o pastor».¹⁰

«São Lobo» termina novamente com Teresa, que vira, certa vez, o lobo: *Lançando-se então de joelhos na quebrada do caminho, ela invocou Santa Radegunda que, perseguida pelo rei dos francos, se refugiara nas covas das montanhas onde os lobos lhe lambiam os pés (Braga, 1992: 135).* Mas tal como as duas faces do Saturno astrológico, também o lobo delas se compõe. É urgente resgatá-las, entendê-las e divulgá-las, para que o lado sombrio do típico lobo mau, quer das histórias reais, quer das de fantasia, recupere o seu verdadeiro sentido como portal para o lado luminoso que todas as histórias contêm: o poder da aprendizagem. O lobo é, afinal, muito mais importante do que se poderia imaginar.

Gustavo Duarte

⁸ No *Catálogo da Fábula na Literatura Portuguesa*: www.memoriamedia.net/fabula.

⁹ Esta não é a fábula em que o lobo prefere a liberdade, mas sim uma outra, em que o lobo sugere a um cão magro que ele o deixe levar ovelhas para que o seu dono se aperceba da necessidade de o alimentar melhor.

¹⁰ O Catálogo inclui mais dez fábulas de Maria Ondina, publicadas na obra *O jantar chinês e outros contos* e anunciadas como sendo «Fábulas que aprendi na China»: «O ouriço-cacheiro e o tigre», «O morcego», «O peixe dourado e o vaso de junquilha», «Como as serpentes comem as rãs», «Raposa contra raposa», «A cauda do cão preto», «Os dois bonecos de barro», «O ninho de passarinhos», «O regato, o lago e o mar» e «O ganso selvagem e a nuvem» (Braga, 2004: 67-91).

LISTA DE FÁBULAS CITADAS

- O lobo e o cabrito, Perry, p. 529, *App.*, nº 572; Adrados, H. 121; M. 184
A raposa e o lobo, Perry, p. 538, *App.*, nº 593; Adrados, H. 9
O lobo com pele de cordeiro, Perry, p. 513, *App.*, nº 451; Adrados, H. 188; M. 361
O lobo e o cão magro, Perry, p. 596, *App.*, nº 701; Adrados, M. 98
O lobo e o cavalo, Perry, p. 450, *App.*, nº 154; Adrados, H. 159
O lobo e o pastor, Perry, p. 467, *App.*, nº 234; Adrados, H. 165

BIBLIOGRAFIA

- ADRADOS, Francisco Rodríguez (1979). *Historia de la fábula greco-latina*. Madrid: Universidade Complutense.
- BETTELHEIM, Bruno (1991). *The uses of enchantment – the meaning and importance of fairy tales*. Londres: Penguin Books.
- BRAGA, Maria Ondina (1992). *A rosa-de-Jericó*. Lisboa: Caminho.
- (2004). *O jantar chinês e outros contos*. Lisboa: Caminho.
- BRAGA, Teófilo (1914). *Contos tradicionais do povo português*. Lisboa: Livraria Rodrigues e Cia.
- GREENE, Liz. *Saturno* (1997). Trad. Maio Miranda. São Paulo: Pensamento.
- MONSARAZ, Maria Flávia de (2004). *A onda de Urano – de Mercúrio à sua oitava*. Lisboa: Marginália.
- MORAIS, Ana Paiva (2003). *B.I. do lobo*. Lisboa: Apenas Livros.
- MORÃO, Paula (1995). «Maria Ondina Braga». In: *Biblos. Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vol. I. Lisboa/São Paulo: Verbo.
- O'NEILL, Henrique (1888). *Fabulário composto e dedicado a S. A. R. o Príncipe D. Carlos*. Londres, H. Bryer.
- OLIVEIRA, Leonel de (org.) (2003). *Portugueses célebres. Portugal século XX*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- PEREIRA, Luciano (2007). *A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária*. Porto: Profedições.
- PERRY, Ben Edwin (1975). *Babrius and Phaedrus*. Cambridge, Massachussets e Londres: Loeb Classical Library.
- PORTUGAL, Tristão da Cunha (1854). *Fabulista da mocidade*. Paris: J. P. Aillaud/Monlon.
- REIS, Carlos (1995). «Ficção/ficcionalidade». In: *Biblos. Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vol. I. Lisboa/São Paulo: Verbo.

SALEMA, Álvaro (1982). «Recensão crítica a *O Homem da Ilha*, de Maria Ondina Braga». In: *Revista Colóquio/Letras* n.º 70, Novembro de 1982.

SCARANO, Julita (1984). «Maria Ondina Braga. Meu objetivo é falar de homens e mulheres». In: *O Estado de São Paulo* n.º 193, 19/02/1984.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (2009). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina.

PALAVRAS-CHAVE:

Maria Ondina Braga, «São Lobo», fábula, lobo, pedagogia